

EM BUSCA DA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DA ABORDAGEM QUALITATIVA DA PESQUISA

Egle Carillo de Faria, Prof^a Mestranda CEFETMT
Ana Arlinda de Oliveira, Prof^a Dr^a UFMT

RESUMO

Este artigo baseia-se em indagações a respeito das diversas abordagens do que seja a pesquisa qualitativa, ao explicitar características e ideologias. Discorre sobre as dificuldades dos diversos entendimentos quanto a sua terminologia, e procura a harmonização numa tentativa de conceituar a pesquisa qualitativa na educação.

Palavras -chave: abordagem, educação, pesquisa qualitativa.

A palavra “pesquisa” atualmente encontra-se presente em várias estâncias da vida social, na esfera do comportamento político e no âmbito do ensino, segundo as reflexões das autoras Lüdke e André (1986).

Ainda, em Lüdke e André (1986, p.1) encontramos que: “A palavra pesquisa ganhou ultimamente uma popularização que chega por vezes a comprometer seu verdadeiro sentido”.

Para Pádua (2003), em um sentido amplo,

Pesquisa é toda atividade voltada para a solução de problemas; como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, é a atividade que vai nos permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, ou um conjunto de conhecimentos, que nos auxilie na compreensão desta realidade e nos oriente em nossas ações (PÁDUA, 2003, p. 31).

Outra interessante consideração de Lüdke e André (1986, p.1) é com relação aos atuais desafios da pesquisa educacional, que com novas propostas de abordagens, e com soluções metodológicas diferentes, oportunizaram o surgimento de uma pesquisa etnográfica ou naturalística, o estudo de caso. As autoras fazem uma observação no sentido de que existe ainda muita confusão quanto ao uso de termos como pesquisa qualitativa, etnográfica, naturalística, participante, estudo de caso e estudo de campo, que muitas vezes são empregados indevidamente como equivalentes.

Em André (2004) aprendemos que a abordagem qualitativa de pesquisa tem suas raízes no final do século XIX quando os cientistas sociais começaram a indagar se o método de investigação das ciências físicas e naturais, que por sua vez se fundamentava numa perspectiva positivista de conhecimento, deveria continuar servindo como modelo para o estudo dos fenômenos humanos e sociais.

Dilthey, Weber e outros estudiosos das questões humanas contribuíram de forma significativa para uma nova perspectiva do conhecimento, que se tornou conhecida como *idealista-subjetivista*, ao não aceitarem que a realidade fosse algo externo ao sujeito e em oposição a uma visão empirista da ciência, na busca da interação em lugar da mensuração, da descoberta em lugar da constatação, valorizando a indução e assumindo que fatos e valores estão intimamente relacionados, tornando-se inaceitável uma postura neutra do pesquisador. Com base nesses princípios configura-se a nova abordagem de pesquisa, denominada “paradigma” por alguns autores, chamada de “naturalística” ou “naturalista” por outros, porque não envolve manipulação de variáveis, nem tratamento experimental; é o estudo do fenômeno em seu acontecer natural. E, “qualitativa” por outros autores, porque se contrapõe ao esquema quantitativo de pesquisa (que divide a realidade em unidades passíveis de mensuração, estudando-as isoladamente), mas que

defende uma visão holística dos fenômenos e levam em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas.

Assim, André (2004, p.18) afirma que: “É, portanto, a concepção idealística-subjetivista ou fenomenológica de conhecimento que dá origem à abordagem qualitativa de pesquisa”. Diz que na abordagem qualitativa estão presentes as idéias do *interacionismo simbólico*, que assume como pressuposto que a experiência humana é medida pela interpretação, voltando o interesse dos pesquisadores para as interações sociais que os indivíduos desenvolvem em sua vida cotidiana; da *etnometodologia*, que estuda como os indivíduos compreendem e estruturam o seu dia-a-dia, ou seja, os “métodos” que as pessoas usam para entender e construir a realidade que as cerca; da *etnografia*, muito similar ao interacionismo simbólico, que se preocupa com o significado que têm as ações e os eventos para as pessoas ou os grupos estudados.

Spradley (1979) *apud* André (2004) diz que alguns desses significados são diretamente expressos pela linguagem e outros são transmitidos indiretamente por meio das ações. Em toda sociedade as pessoas usam sistemas complexos de significado para organizar seu comportamento, para entender a sua própria pessoa e os outros e para dar sentido ao mundo em que vivem. Esses sistemas de significados constituem a sua cultura. E como para Spradley a cultura é o conhecimento já adquirido que as pessoas usam para interpretar experiências e gerar comportamentos – ela abrange o que as pessoas fazem, o que elas constroem e usam.

Pádua (2003), nos afirma que

A partir de pressupostos estabelecidos pelo método dialético e, também, apoiadas em bases fenomenológicas, pode-se dizer que as pesquisas qualitativas têm se preocupado com o significado dos fenômenos e processos sociais, levando em consideração as motivações, crenças, valores, representações sociais, que permeiam a rede de relações sociais (PÁDUA, 2003, p. 33-34).

Às leituras de Lüdke e André (1986), Pádua (2003) e André (2004), pareceu-nos interessante acrescentar outras mais que se referissem a pesquisa qualitativa.

Para Triviños (1987), foi na década de 70 que surgiu nos países da América Latina o interesse pelos aspectos qualitativos na educação. Seu surgimento deve-se ao avanço das idéias no sentido de se entender o real através do confronto de perspectivas diferentes, quando começaram a elaborar programas de tendências qualitativas para avaliar o processo educativo, e propor “alternativas metodológicas” para a pesquisa em educação. Assim, uma das raízes da pesquisa qualitativa está no campo da antropologia e foi o funcionalista e positivista Malinowski que criou o método etnográfico no tipo de pesquisa qualitativa que se desenvolve na educação.

Também, de grande valia para a compreensão de nosso objeto de estudo foi entender nas leituras de Triviños (1987) que a pesquisa qualitativa entende a etnografia como o “estudo da cultura” e assim desenvolve para o enfoque etnográfico dois conjuntos de pressupostos sobre o comportamento humano de extraordinária relevância para a investigação em educação. O primeiro conjunto é o *ecológico-naturalista*, que ressalta a influência do ambiente sobre os atores. Assim, Triviños (1987) destaca que

O ambiente, o contexto no qual os indivíduos realizam suas ações e desenvolvem seus modos de vida fundamentais, tem um valor essencial para alcançar das pessoas uma compreensão mais clara de suas atividades. O meio, com suas características físicas e sociais, imprime aos sujeitos traços peculiares que são desvendados à luz do entendimento dos significados que ele estabelece (TRIVIÑOS, 1987, p. 122).

O segundo conjunto que maneja a etnografia para elaborar os significados e interpretações dos fenômenos sociais é o *fenomenológico-qualitativo*, e ressalta a idéia de que o comportamento humano, muitas vezes, tem mais significados do que os fatos pelos quais ele se manifesta. O investigador com uma visão da realidade social e cultural considera uma série de estratégias metodológicas, marcadas pela flexibilidade da ação investigativa. Ele busca a objetividade, e neutralidade do “dado” atingido. Tem flexibilidade para formular e reformular hipóteses à medida que realiza a pesquisa, por ser a estratégia etnográfica aberta, o que permite a autocorreção do método, o avançar adaptando-se a circunstâncias que se apresentam e o guiar-se por hipóteses novas. Triviños (1987), ainda salienta que

O pesquisador, orientado pelo enfoque qualitativo, tem ampla liberdade teórico-metodológica para realizar seu estudo. Os limites de sua iniciativa particular estarão exclusivamente fixados pelas condições da exigência de um trabalho científico (TRIVIÑOS, 1987, p. 133).

De grande valia para o aprendizado sobre a pesquisa qualitativa foram as idéias de Bogdan e Biklen (1994) que definem que a investigação qualitativa possui cinco características:

- a) na investigação qualitativa a fonte direta dos dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal;
- b) a investigação qualitativa é descritiva;
- c) os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos;
- d) os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva;
- e) o significado é de importância vital na abordagem qualitativa.

E quanto às características, os autores Bogdan e Biklen (1994, p.47) ressaltam que: “Embora nem todos os estudos que consideraríamos qualitativos patenteiam estas características com igual eloquência”.

Como já haviam mencionado Lüdke e André (1986), há uma grande divergência entre autores no que se refere à terminologia, principalmente no ponto em que são enfatizadas as diferenças tanto nos pressupostos quanto nos procedimentos das abordagens. Alguns autores acreditam que “pesquisa qualitativa” é a pesquisa fenomenológica; para outros, como Triviños (1987), o termo é sinônimo de etnográfico; já Bogdan e Biklen (1994), após apresentarem um estudo examinando as bases teóricas e históricas da pesquisa qualitativa, afirmam entender a investigação qualitativa a partir de uma perspectiva sociológica. Estes últimos acrescentam que

É possível tentar resolver a discrepância entre as perspectivas dos vários utilizadores da expressão, exigindo uma definição mais exata, ou seja, obter consenso optando por uma definição ‘real’ da expressão [...] mas, o objetivo dos investigadores qualitativos é o de expandir e não o de limitar a compreensão (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 62).

Como vimos, pesquisa em sentido amplo é toda atividade voltada para a solução de problemas.

Pesquisa qualitativa é uma nova proposta de abordagem de pesquisa, que apresenta soluções metodológicas diferentes de outros tipos de pesquisa. Tem suas bases teóricas no idealismo-subjetivo e na fenomenologia e destas se diversifica tanto nos fenômenos filosóficos quanto nos métodos e procedimentos. Embora haja muitas divergências quanto à sua terminologia, entendemos que existem pontos comuns, não conflitantes, no intuito da conceituação da pesquisa qualitativa. Neste sentido, podemos concluir que é possível sistematizar o conceito de pesquisa qualitativa com base nas cinco características apresentadas por Bogdan e Biklen (1994), na análise

de André (2004), que procurou englobar os pensamentos de diversos autores, já citados, na formatação de um entendimento do que seja a pesquisa qualitativa. Portanto, podemos tentar emitir o seguinte conceito de pesquisa qualitativa:

Pesquisa qualitativa é a investigação descritiva dos processos sociais na busca da identificação e análise dos problemas, tendo como fonte direta dos dados e das informações, o ambiente natural, numa concepção idealística-subjetiva ou fenomenológica, abordando o interacionismo simbólico, a etnometodologia e a etnografia. A linguagem e as ações do investigador são instrumentos fundamentais para a interpretação das experiências e geração dos comportamentos para a formação de novos conhecimentos, de uma forma ativa e participativa, através do método indutivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Elisa D.A. de. **Etnografia da Prática Escolar**. 11 ed. Campinas: Papirus, 2004.

BOGDAN, Robert. C.; BIKLEN, Sari. Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto. Portugal: Porto, 1994.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da Pesquisa**. Abordagem Teórico-Prática. 9 ed. Campinas: Papirus, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa na educação**. São Paulo: Atlas, 1987.